



REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE PESSOAS SOLTEIRAS EM SALVADOR

Darlane Silva Vieira Andrade¹

Apresentação

Este texto apresenta parte da pesquisa de doutorado em curso no PPGNEIM/UFBA que tem como interesse estudar o fenômeno da “solteirice” em contexto urbano atual, buscando compreender quais são os sentidos e práticas que homens e mulheres solteiros, adultos e de classes médias em Salvador constroem em torno da experiência de *serem* ou *estarem* solteiros/as. O intuito do estudo é buscar compreender o que é a “solteirice” hoje: Em que medida a “solteirice” é uma etapa transitória para novas formas de relações amorosas mais estáveis e indicador do adiamento da idade ao casar ou pode ser pensado também como indicador de um fenômeno novo e estilo de vida em contexto urbano contemporâneo? Assim, o estudo investiga formas de ser, de viver e de se relacionar (que inclui as relações afetivo-sexuais) destas pessoas, tendo como fundamento a teoria feminista, utilizando a categoria gênero como central para análise em intersecção com outras categorias como classe, idade/geração, raça/etnia, localidade.

O tema “solteirice” é contextualizado em um terreno de mudanças que caracteriza a contemporaneidade: período referente a segunda metade do século XX marcado por mudanças no sistema econômico capitalista com o advento da globalização, e em outros setores com o desenvolvimento de tecnologias principalmente na área da informática e da comunicação e o aumento do consumo. Há também um acelerado processo de urbanização e industrialização nos países ocidentais. Este período também é marcado por mudanças em formas de pensar e de construir conhecimento, na arte, na cultura, caracterizando-se como a era da imagem, dos signos e dos discursos. Autores como Giddens (2000), Severiano (2001), Eagleton (1996) e Bauman (2001) desde diferentes pontos de vista, irão discutir como estas diversas transformações trazem características importantes como a velocidade, a instabilidade, o individualismo, a descartabilidade, o consumismo, mudanças nas noções de tempo e espaço, a volta ao eu e o narcisismo, para citar as

¹ Psicóloga e Especialista em Psicologia Conjugal e Familiar (Faculdade Ruy Barbosa); Mestra e Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Bolsista CAPES. E-mail: dsvandrade@gmail.com



principais, que vão favorecer transformações nas relações sociais em geral, e no campo da intimidade.

As transformações que acontecem a nível macro não são assimiladas na mesma velocidade pelas pessoas/subjetividades, podendo gerar sentimentos de angústia e a sensação de estarem perdidos/as sem saber que caminho seguir, já que há perda da noção de segurança e certeza com o fim das tradições na modernidade tardia, segundo Giddens (2000). No campo da intimidade – famílias, conjugalidades, sexualidade, e também da subjetividade, as mudanças têm acontecido de forma veloz, diversa e também paradoxal, em termos de comportamentos de homens e mulheres quando mudam-se as regras que norteavam tais comportamentos e relações para se adaptar a um novo contexto – veloz, mutável e dinâmico. É diante de tais mudanças, que as pessoas solteiras se situam.

Convivemos hoje com diversas configurações de famílias, uniões conjugais, relações amorosas, além das múltiplas possibilidades de exercício da sexualidade para homens e mulheres, desencadeadas principalmente a partir da década de 1960 e 1970 com mudanças sociais importantes suscitadas também por movimento de caráter libertador e democrático, como o movimento feminista. Incidiram sobre estas mudanças uma série de fatores, dentre eles, a entrada maciça das mulheres (burguesas) no mercado de trabalho, a criação e disseminação do uso de anticoncepcionais (mais simples e efetivos, desvinculando o sexo da maternidade), a diminuição da religiosidade e a difusão da psicanálise, com maior impacto no aumento do sexo pré-marital e de vidas sexuais mais livres (em especial para as mulheres), na comunicação mais franca entre as pessoas, além do desenvolvimento e maior divulgação dos estudos sobre temas relacionados à sexualidade (JABLONSKI, 1998; GIDDENS, 1992).

Neste cenário, chama atenção o aumento do número de pessoas solteiras e que moram sozinhas (CASTELLS, 1999), também no Brasil. Desde a década de 1970 e 1980 vê-se crescer o número de domicílios unipessoais, segundo Berquó & Cazenaghi (1988), e de pessoas solteiras. O censo do ano 2000 (IBGE, 2000), mostra que atualmente as pessoas solteiras acima de 18 anos chegam a 42,3% da população brasileira. E se na década de 1970 e 1980 as pessoas solteiras e que moravam sozinhas eram predominantemente acima dos 45 anos e as idosas, devido aos divórcios e separações, ao ninho vazio e a viuvez, nos anos 2000, verifica-se muitos jovens entre 20 e 35 anos solteiros, o que não era de se esperar já que nesta faixa etária, comumente as pessoas se casavam².

² Dados discutidos por Berquó & Cazenaghi (1988) mostram as diferenças de gênero e idade entre pessoas solteiras no período entre 1970 e 1980 no Brasil: dos 30 aos 44 anos, há 26% de homens e 13,7% de mulheres; dos 45 aos 59 anos há 23,4% de homens e 53,4% de mulheres e com 60 anos ou mais, há 25,6% de homens e 53,4% de mulheres que



Alguns estudos atuais começam a discutir essa problemática apontando as novas representações e novos lugares sociais de homens e mulheres que vivem sós - e solteiros - no Brasil contemporâneo. Gonçalves (2008) chama atenção para as mudanças nas noções de pessoas solteiras no Brasil contemporâneo, vista como pessoas “autônomas” e “independentes”, “senhoras do seu destino”, principalmente para as mulheres, diferente de antigas e estereotipadas concepções sobre quem não se casou. Esta noção é corroborada em estudo anterior (ANDRADE, 2007), em Salvador, e com o estudo de Tavares (2008) – que trouxe dados de Salvador e Aracajú – discutindo como homens e mulheres vivem a “solteirice” com autonomia, independência e carregam a noção de liberdade de escolha para suas formas de viver e se relacionar.

No terreno da diversidade, a “solteirice” é uma entre as diversas possibilidades de viver. Esta situação ou condição³ pode ser vista como uma fase transitória até que se encontre alguém para se casar, uma situação circunstancial (pela viuvez, divórcio, separação, ou outra situação) ou uma opção de vida, e um estilo de vida, tal como propõe Gonçalves (2007).

Metodologia

O estudo utiliza a epistemologia feminista (HARAWAY, 1995; HARDING, 1998) que realiza uma crítica a teorias androcêntricas e se compromete com um olhar situado sob o “ponto de vista” de quem constrói o conhecimento. Adota o gênero como uma categoria de análise, que tem cunho político e relacional, envolve relações de poder imbuídas na construção social das diferenças sexuais, articulada com outras dimensões da vida social como as de classe, raça/etnia,

moram sozinhas. Nas décadas seguintes há uma tendência ao aumento do número de pessoas solteiras mais jovens, explicado em partes pelas demandas profissionais (GONÇALVES, 2007). Néri (2005) analisa que a taxa das pessoas solteiras acima dos 20 anos de idade vem crescendo um ponto anualmente no ano 2000, segundo dados do IBGE deste período. Na faixa etária de 30 a 34 anos, as pessoas solteiras constituem 26% da população brasileira.

³ Marcela Lagarde (1990) discute o conceito de situação e de condição enquanto construções sociais, em relação às mulheres. O conceito de condição se refere a “índole, natureza ou propriedade das coisas”, segundo Alonso (1982 apud LAGARDE, 1990, p.73). Este conceito é visto em relação a sua historicidade, marcando todo o conjunto de circunstâncias, qualidades e características que definem a mulher como um ser (genérico), como a referência a célebre frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher.” Assim, a condição da mulher é uma criação histórica. A definição de situação é “uma posição de uma pessoa ou coisa em determinado lugar ou situação” (ALONSO, 1982 apud LAGARDE, 1990, p.73). A situação das mulheres se refere ao “conjunto de características que tem as mulheres a partir de sua condição genérica, em determinadas circunstâncias históricas” (LAGARTE, 1990, p. 67) e expressa assim a existência concreta de mulheres reais, a partir de suas condições reais de vida, tais como a sua formação social, as relações de produção e reprodução, o trabalho, sua definição de maternidade e paternidade, etc. Segundo a autora, as mulheres compartilham, como gênero, a mesma condição genérica, mas diferem enquanto a sua situação de vida em diferentes graus de opressão. O conceito de “solteirice” vai dialogar com estas noções, na medida em que há representações sociais, gerais que vai falar desta condição, e homens e mulheres, desde este lugar, irão vivenciar a “solteirice” de forma situacional.



idade/geração, orientação sexual e espaço/localidade. Remete ainda ao caráter interdisciplinar e privilegia a metodologia qualitativa (SCOTT, 1998; DE LAURETIS, 1994; FLAX, 1992).

Desde esta perspectiva, questiona-se o modelo heteronormativo ou da heterossexualidade compulsória (WITTIG, 1992; BUTLER, 2003) que está na base das construções dos gêneros e das relações sociais. Isto significa que o considerado “normal” é o que segue a regra heterossexual – imposta pelos modelos de casamento, família, relações e identidades hegemônicas –, o que gera opressão e rigidez nas identidades e sexualidades. Assim, a imposição social sobre o casamento e a constituição de família, com filhos, recai sobre as pessoas adultas como se esta fosse uma norma para se ter um lugar social valorizado, e também vai ser considerado um marco para a entrada na vida “adulta e responsável” (GUERREIRO & ABRANTES, 2005). No entanto, transformações sociais atuais, no âmbito da intimidade, nos valores e comportamentos, apontam algumas rupturas quando outras formas de relações e identidades – por exemplo, as dos gays e lésbicas – emergem e as pessoas solteiras podem estar representando também este movimento de mudanças.

O presente estudo utilizou como instrumento para construção dos dados, o grupo focal e observações de campo em espaços de lazer para pessoas solteiras na cidade de Salvador. Considerando que o estudo está em construção, o grupo focal objetivou explorar o tema e levantar questões para a construção de um questionário quantitativo e fundamentar também entrevistas de histórias de vida que serão realizadas em etapa posterior. O grupo focal se caracteriza como um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal (GATTI, 2005). Tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de modo que não seria possível em outros métodos, isto porque no grupo focal há a possibilidade da interação entre as pessoas participantes. Permite ainda compreender o processo de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como práticas e comportamentos em relação a fatos e eventos específicos, dentro de uma coletividade (GATTI, 2005).

Foram realizados três grupos focais no ano de 2009, com duração de duas a duas horas e meia, cada encontro. Os encontros foram gravados em áudio e transcritos na íntegra, com dados analisados qualitativamente. Participaram sete pessoas (quatro mulheres e três homens). A seleção dos/as participantes foi feita através da minha rede de contato social que indicava pessoas dentro do perfil solicitado: ser solteiro/a (não possuir relacionamento amoroso estável), ter idade acima de 30 anos, morar sozinho/a em Salvador, pertencer à classe média.



Resultados preliminares: perfil dos/as participantes e reflexões sobre vivências da sexualidade

Os/as participantes do estudo têm idades entre 31 e 47 anos (média de 38 anos), tem orientação sexual heterossexual, sendo um homem homossexual, predominando a cor parda e a branca. Todos/as são solteiros/as (sem um relacionamento amoroso estável). Duas mulheres conviveram maritalmente e um homem tem um filho. Possuem graduação, com exceção de um homem que estudou até o segundo grau. Exercem ocupações como professor/a, empresário/a e dentista, com renda mensal variando entre 4 a 10 salários mínimos, sendo que um homem é servidor público com renda de 22 salários mínimos. Todos moram sozinhos/as em Salvador, em bairros considerados de classe média como Jardim Apipema e Pituba. Quatro participantes são naturais de Salvador, dois nasceram em outros estados e um no interior da Bahia.

Nos grupos, as pessoas interagiram de modo a expressarem opiniões e também vivências em torno da “solteirice” em Salvador, estimuladas a partir de questões propostas em torno da vida de solteiro/a e dos significados em ser ou estar solteiro(a), a vida amorosa, o morar sozinho/a, a solidão, estratégias para lidar com a solidão (caso esta exista) e as expectativas para o futuro. No processo do grupo, emergiram questões significativas que apontavam opiniões sobre casamento, preconceitos contra quem ainda não se casou e práticas homoafetivas. Neste texto estão as questões relacionadas a vivência afetivo-sexual das pessoas solteiras participantes da pesquisa.

As falas emergentes nos grupos mostraram que no campo das vivências da sexualidade, as pessoas solteiras não têm uma vida celibatária assexuada. Elas podem sentir falta de sexo por não estarem em uma relação estável, mas para as mulheres participantes do grupo, isto é resolvido com um telefonema para uma “p.a.”⁴, ou seja, uma pessoa com quem tem contato somente para ter relações sexuais que pode ser um ex-namorado, amigo ou outra pessoa conhecida para esta finalidade. A opção por ser uma pessoa conhecida é pular o jogo de sedução que acontece antes de uma relação sexual. Desta forma, as mulheres reconhecem a separação de sexo e sentimento e se colocam de forma ativa na investida sexual, como afirma Gorete⁵:

Eu sou muito liberal. Eu não sou uma pessoa que tem muito tabu. Eu sei que sexo é uma coisa e relacionamento é outra. Eu tenho, é, PA e se eu começo alguma coisa com alguém e eu vejo que o cara não quer nada, e se ele é bom de cama, eu não me importo de continuar transando com ele. Meu coração está aberto, mas eu não quero nada com ele, e vou ficar continuando buscando outra pessoa. Mas eu quero é transar. Se ele for bom de cama, eu vou querer. (Gorete, 32 anos, heterossexual, branca, professora, paranaense, Grupo 2).

⁴ “P.A.” é abreviação de “pica amiga” que também é um termo utilizado pelos homossexuais. Para homens heterossexuais, é utilizado “b.a.”- buceta amiga.

⁵ Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos/as participantes.



Já os homens não falaram da prática das relações temporárias como o “ficar” que é como hoje se denomina a relação sem compromisso, o sexo casual ou os encontros fortuitos (CHAVES, 1997). Eles deram opiniões sobre essas relações, considerando que é uma prática comum atualmente e que as mulheres podem e estão tomando mais a iniciativa na investida sexual, o que pode assustar alguns homens inseguros e atrair os mais seguros. Falaram que preferem encontrar alguém para namorar do que para “ficar”. Daniel (47 anos, heterossexual, pardo, empresário, baiano) relatou que apesar de sair muito em Salvador e em outras capitais, não costuma “ficar” nas festas. Lucas (46 anos, heterossexual, pardo, professor, baiano) também relatou que prefere namorar e está em busca de uma pessoa para se casar. Já Carlos (31 anos, homossexual, pardo, servidor público, baiano) relatou ter experienciado sexo casual em saunas gays, mas que esta não é uma prática que se identifica. Ele não costuma namorar e não pensa em casar. Mas será que estes homens se relacionam somente com quem namoram?

A vivência da sexualidade remeteu aos locais de lazer freqüentados pelas pessoas solteiras que podem funcionar também para encontrar alguém para se relacionar. Os encontros fortuitos podem acontecer nos bares, boates, shows e que são freqüentados principalmente durante a semana segundo os/as participantes dos grupos, já que nos finais de semana preferem ficar em casa ou fazer algum programa com amigos e amigas. Apesar dos espaços de lazer para pessoas solteiras favorecer este encontro, é no ciclo de amizades onde comumente se encontra alguém para se relacionar, segundo o grupo. Esta prática tem a ver também com a questão da idade/geração quando na cidade de Salvador há mais lugares para um público de pessoas solteiras até os 30 anos que saem mais nos finais de semana, restando opções limitadas para quem está acima desta idade, e que agora costuma fazer programas menos agitados. Daniel afirma que para encontrar homens para se relacionar, as mulheres devem ir a lugares mais “tranqüilos”: “Vá em restaurantes, nas coisas mais tranqüilas. Em lugares mais pesados você não vai encontrar” (Daniel, 47 anos, heterossexual, pardo, empresário, baiano).

O tema também remeteu as diferentes construções em torno das identidades de gênero quando as diferentes posturas e opiniões de homens e mulheres sobre o tema emergiram, também no que se refere as identidades sexuais. Este tema foi trazido por Graça (32 anos, heterossexual, branca, consultora de vendas, baiana) quando relata que já praticou sexo a três com seu ex-namorado e uma mulher e não se considera lésbica por isso. Ela questiona a Carlos, que é homossexual, sobre esta identidade, mostrando curiosidade em saber da sua vivência homossexual.



E o grupo comentou sobre o comportamento dele, que não é afeminado, mostrando uma dissociação da identidade de gênero com a orientação sexual e possíveis construções de identidade.

Outras questões estão sendo analisadas no trabalho do doutorado e serão apresentadas posteriormente. O tema suscita reflexões sobre novas posturas das mulheres solteiras que tem a liberdade de se relacionar sem estar em um namoro ou casamento, a desvinculação do sexo com o afeto, a postura ativa na investida sexual tirando a mulher do lugar de quem espera o homem tomar iniciativa, e assim, pensar em novas construções de identidades femininas. As posturas dos homens frente a estas mulheres mais ativas e independentes merecem atenção no estudo, além de observar vivências da sexualidade, principalmente por parte dos homens. Houve uma dificuldade de tratar do tema das vivências da sexualidade nos grupos, principalmente por parte dos homens talvez pela própria situação do grupo e por ser um tema que, apesar de estar presente na mídia, nas conversas, há ainda inibição quando se tem que falar da própria sexualidade. O que aconteceu também pela própria chamada do grupo: falar sobre “solteirice” que tinha seu foco desviado quando as pessoas se remetiam a todo tempo ao casamento. Com a experiência de realização dos grupos focais, outras estratégias para se abordar o tema estão sendo construídas e outras reflexões emergirão no decorrer da pesquisa.

Bibliografia

ANDRADE, D.S.V. Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2001

BERQUÓ, Elza Salvatori; CAZENAGHI, Suzana M. Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas. Em: *Anais do 6 Encontro nacional de estudos populacionais*. Olinda, PE, 1988, vol.1

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. Em: ____ *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Cap.4. vol. 2, 3ª ed. Paz e Terra: São Paulo, 1999

CHAVES, Jacqueline. “Ficar com”. *Um novo código entre jovens*. 2ª edição. Editora Revan: Rio de Janeiro, 1997



- DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. Em: HOLANDA, H.B. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp.206-242.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005
- GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1992
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole*. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000
- GUERREIRO, M.D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *RBCS* vol. 20 n. 58 junho, 2005
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados. *Cadernos Pagu* (5) Núcleo de Estudos de Gênero. PAGU/UNICAMP, 1995 p. 7-41
- HARDING, Sandra. “Existe um método feminista?” In: Eli Bartra (org) *Debates em torno a uma metodologia feminista*, México, D.F.: UNAM, 1998.
- JABLONSKI, Bernardo. Crenças e credices sobre a sexualidade humana. *Psicologia teoria e pesquisa*, Brasília, DF, vol. 14, n.3, p. 209-218, set-dez 1998
- LASCH, Cristopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Trad. Ernani Pavareli. Rio de Janeiro: Imago, 1983
- NERI, Sexo, casamento e solidão. *Conjuntura nacional*, junho, 2005 Disponibiliade e acesso: <http://www.fgv.br/ibre/cps/artigos/Conjuntura/2005/Sexo,%20casamento%20e%20solidao.pdf> Acessado em 25/07/2005
- SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____ *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988, pp.:28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993]
- SEVERIANO, M.F.V. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume, 2001



TAVARES, Márcia Santana. Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. Salvador, 2008. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade, uma experiência de geração*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989

WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston, Beacon, 1992